



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS

Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

Mariana Rezende de Moura

**A PROJEÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA NO EXTERIOR: a ascensão da
Bossa-Nova para o desenvolvimento brasileiro**

Brasília

2023

Mariana Rezende de Moura

**A PROJEÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA NO EXTERIOR: a ascensão da
Bossa-Nova para o desenvolvimento brasileiro**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Luciano da Rosa Muñoz

**Brasília
2023**

BRASILIA, ..., MAIO, 2023

BANCA AVALIADORA

_ Professor (a) Orientador (a)

_ Professor (a) Avaliador (a)

Agradecimentos

Após finalizar esse trabalho, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que fizeram parte desse importante processo na minha vida. Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela graça dessa realização. Gostaria de agradecer minha família, meus pais por fazerem meu sonho possível e por todo o amor que eles me deram, as minhas irmãs, Ana e Giovana, por me apoiarem ao longo de toda minha vida.

Também gostaria de agradecer as minhas amigas e companheiras de turma por dividirem esse processo comigo. Aos meus amigos que, mesmo não compartilhando da mesma formação, sempre me apoiaram e acreditaram nos meus sonhos. Agradeço também aos meus professores por todos os ensinamentos ao longo do curso que tanto amo. Em especial, gostaria de agradecer meu professor orientador, Luciano, pelas orientações, pela ajuda e pela paciência ao longo desse trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a mim mesma por não ter desistido dos meus sonhos, por todo o esforço que fiz para meu futuro, mesmo nos momentos difíceis, fui capaz de levantar e não desistir do que queria.

A PROJEÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA NO EXTERIOR: a ascensão da Bossa-Nova para o desenvolvimento brasileiro

Mariana Rezende de Moura

RESUMO:

A pesquisa tem o intuito de mostrar as vertentes do desenvolvimento através de uma perspectiva cultural, na qual muitos Estados subdesenvolvidos encontram dificuldades ao fazerem uma relação desses meios com as vertentes econômicas. A pesquisa busca abordar a época onde o Brasil visou a modernidade, e foi no governo de Juscelino Kubitschek (1954-1961) onde o país conseguiu tal feito. As manifestações culturais passaram a ter relevância nas políticas estatais, e foi nessa conjuntura que o movimento musical da Bossa-Nova ganhou destaque, pelas canções desse ritmo que o país passou a projetar sua cultura no âmbito externo, atingindo grandes feitos na música, como a consolidação através da estatueta do Grammy Award. A teoria do Soft Power é relacionada com as definições de Diplomacia Cultural para as análises das ações do governo como forma de impulsionar as manifestações artísticas, com o foco principal na Bossa-Nova, na qual foi de grande importância para a imagem desenvolvida que o Brasil estava elaborando. Ao final da pesquisa, é possível visualizar a relação entre a cultura e o desenvolvimento e a importância das políticas voltadas para questões culturais, para a sobrevivência das identidades nacionais e crescimento econômico.

Palavras-chave: bossa-nova; desenvolvimento; Juscelino Kubitschek; diplomacia cultural; política externa.

SUMÁRIO

Introdução 1. Cultura como uma forma de poder - Soft Power 2. Presidente Bossa-Nova 3. O Brasil no patamar mais alto da música. Considerações Finais

Introdução

A seguinte pesquisa busca estudar o papel da cultura no desenvolvimento dos Estados, um fator que muitas vezes é negligenciado nas agendas políticas, onde só buscam focar em questões de cunho econômico. Para isso, é analisado o movimento musical intitulado de Bossa-Nova, onde ganhou grande destaque no cenário internacional e foi utilizado pelo governo do presidente da época, Juscelino Kubitschek, como uma ferramenta para contribuir nas políticas desenvolvimentistas que eram elaboradas pelo governo.

Na primeira seção, é abordado a teoria do Soft Power de Nye (2005), na qual o autor descreve a cultura como uma forma de se tornar detentor de poder, onde a mesma pode influenciar outros atores com o sentimento de familiaridade que a projeção de sua cultura pode causar. Com esse tópico, a diplomacia cultural é relacionada como uma forma de Soft Power, pois a mesma é usada como uma ferramenta política, na qual os Estados buscam atingir suas necessidades nacionais pelo plano cultural, também é elaborado os efeitos de uma diplomacia cultural mais ativa, algo que não ocorria muito em países subdesenvolvidos.

Para traçar os efeitos de políticas culturais elaboradas pelos governos de países subdesenvolvidos, foi analisado o governo do presidente Juscelino Kubitschek (1954-1961), o qual buscava elaborar agendas que visavam o desenvolvimento do país. Para isso, é separado o governo em duas fases diferentes, em que uma se encontra com uma política desenvolvimentista, mas com uma política externa mais alinhada com questões norte-americanas e voltando seus aparatos para buscar investimentos estrangeiros. Na segunda parte é destacado uma política externa mais independente, na qual o Brasil conquistou um protagonismo na América-Latina e também passou a investir em novos parceiros comerciais.

Foi na segunda parte do governo que as manifestações culturais ganharam força, foi nessa atmosfera que as canções da Bossa-Nova brasileira ganharam relevância mundial, assim, a pesquisa se fundamenta nesse momento da música brasileira, onde a política externa do governo JK se alinha com a expansão do ritmo musical, como uma ferramenta desenvolvimentista, dessa forma, prestando apoio com patrocínios e financiamentos para esse meio.

O objetivo da pesquisa é analisar a contribuição da cultura aos meios de desenvolvimento, o qual países desenvolvidos já usam dessa ferramenta com sucesso para a obtenção de influência, mas que é uma realidade negligenciada em países subdesenvolvidos

pela falta de recursos. Algo de grande perigo para esses países, pois acabam sofrendo pressões coloniais e influências diretas em suas estruturas políticas, fazendo com que suas reais necessidades sejam menosprezadas e suas identidades esquecidas.

1.Cultura como uma forma de poder

1.1 Soft Power

Na atualidade a globalização fez com que os Estados tivessem uma relação mais próxima, aumentando a interdependência dos mesmos. Essas mudanças do globo fazem com que os acessos de Estados nos outros sejam maiores e mais determinantes, o que faz com que a aquisição de poder seja diferente das adotadas nas décadas passadas. Nye (2005), traz em sua teoria a ideia do Soft Power, algo que ele classifica como uma forma de aquisição de poder diferente, no qual são usados valores como uma forma de atração, ou como ele classifica, uma forma de “sedução”. “Ganhar corações e mente sempre foi importante, mas é ainda mais importante na era da globalização ” (NYE, 2005, p 1, tradução nossa)

Poder é classificado como a capacidade de adquirir coisas ou de fazer coisas, “ Mais especificamente, poder é a habilidade de influenciar o comportamento dos outros para conseguir o resultado que deseja” (NYE, 2005, p 2, tradução nossa). É destacado que existem diversas maneiras de adquirir essa influência, como ameaças, pagamentos, ou usando alguma forma de atração. Por consequência, o autor classifica que para conseguir influenciar no comportamento do próximo, é necessário entender suas preferências para que as tentativas de atração não sejam desperdiçadas. O autor acredita que é capaz de comandar as organizações de forma efetiva, mas não é possível ser feito completamente sozinho, é necessário fazer com que os outros agentes adquiram valores similares aos que são propostos. (NYE, 2005)

As práticas contemporâneas da comunidade se baseiam nas práticas de policiamento dependente de tornar as políticas suficientemente amistosas e atrativas para que a comunidade queira ajudá-las a atingir esse objetivo compartilhado. (NYE, 2005, p 5, tradução nossa).

Os Estados possuem a capacidade de alcançarem seus objetivos políticos através da admiração que os outros Estados alimentam por seus valores, por isso, as fontes do Soft Power são classificadas em três: cultura, valores políticos e política externa. “Soft Power repousa na habilidade de moldar as preferências do outro” (NYE, 2005, p 5, tradução nossa).

É destacado que a cultura traz diversas manifestações e se torna comum a distinção dos mesmos, como a alta cultura, que se classificaria como: literatura, arte e educação, que estaria presente, em grande parte, nas elites, e a cultura popular, que tem como foco no entretenimento das massas. (NYE, 2005)

Quando as culturas de países incluem valores universais e as políticas promovem valores e interesses que outros compartilham, aumenta a probabilidade de obter os resultados por causa dos relacionamentos de atração e dever que ele cria (NYE, 2005, p 11, tradução nossa).

Algumas análises equivocadas são destacadas, pois são feitas com as bases do Soft Power, pois o autor destaca que essas análises são feitas tratando o Soft Power apenas como um poder cultural popular, algo que não funciona desta maneira, o poder brando é equiparado com as formas culturais que contribuem em sua produção. “Isso não nega que a cultura popular é muitas vezes um recurso que produz Soft Power, mas como vimos anteriormente, a eficácia de qualquer recurso de poder depende do contexto” (NYE, 2005, pp 12, tradução nossa). Pode ser observado o uso da cultura popular como uma forma de Soft Power nas relações norte-americanas, “o sonho americano” que é passado através de filmes onde são reproduzidos em países da América- Latina, fazendo com que a realidade estadunidense se torne a mais atrativa.

Soft Power usa um tipo diferente de moeda (que não seria a força e nem dinheiro) para alcançar a cooperação - uma atração para compartilhar valores e senso de justiça e senso de dever de contribuição para atingir esses valores (NYE, p, 11 2005, tradução nossa).

Para Nye (2005), as políticas no âmbito interno e externo também podem ser potencializadas como Soft Power, é citado no texto o exemplo da segregação racial que estava ocorrendo dentro dos EUA em 1950, o que fez com que o Soft Power norte-americano fosse rebaixado na África. "Políticas de governo podem reforçar ou reduzir o Soft Power do país" (NYE, 2005, p 14, tradução nossa). A política interna de um país tem que estar alinhada com as políticas externas adotadas pelos governos, quando um Estado demonstra interesses indiferentes com as opiniões alheias, ou classificados "hipócritas", isso pode ser prejudicial para a imagem do país no cenário internacional.

A popularidade dos EUA no cenário internacional sofreu um declínio com a guerra do Iraque, com esse exemplo, o autor argumenta que, passando o momento principal da guerra, os norte-americanos conseguiram recuperar as influências de Soft Power perdidos no processo, mas que para isso ocorrer com o Iraque dependeria do sucesso das políticas no país, pois as ações dos governos possuem a capacidade de atrair ou afastar seus próprios parceiros. (NYE, 2005)

Os valores que um governo defende no âmbito interno (como democracia), as instituições internacionais (a cooperação com outros), e política externa (promovendo a paz e os direitos humanos) afetam fortemente a preferência dos outros (NYE, 2005, p 14, tradução nossa).

1.2 A diplomacia cultural

Com a interdependência, as relações entre os Estados ficaram cada vez mais fortes, seus povos acabaram se aproximando, a circulação de ideias e conhecimento passou a ficar intensa, e todos esses fatores foram determinantes nas mudanças de postura nas políticas dos Estados. O Soft Power pode se relacionar com as ferramentas de diplomacia cultural adotadas pelos Estados, nas políticas internacionais os recursos que são responsáveis pela produção da ferramenta do Soft Power se concentram, em grande parte, nos valores organizacionais ou nas questões culturais de um país, “em exemplo se fixa nas práticas e políticas internas, e na forma que se lida com as relações com os outros” (NYE, 2005, p 8, tradução nossa).

A cultura se tornou uma variante de peso nas relações entre os Estados, as políticas adotadas pelos países passam a ter determinantes que abordem as questões culturais, Ribeiro (2011) em sua obra destaca que essas novas resoluções políticas envolvem o âmbito cultural que se dá pela evolução das comunicações no mundo, onde a tecnologia foi capaz de conectar milhares de pessoas dos mais diversos lugares. As manifestações culturais se tornaram importantes na sociedade, a exportação de cultura e valores se tornou uma forma de poder, assim como consumir culturas estrangeiras pode ser também uma forma de fazer política.

Com essas novas formas de aproximação entre os indivíduos ao longo do globo, o cenário internacional acaba ficando mais exposto, fazendo que essa conjuntura se torne mais competitiva, portanto, as grandes potências acabam recorrendo suas políticas a ferramentas mais eficientes que estejam ligadas à sua própria natureza e que identificaram essas características nas relações culturais, fazendo com que a mesma viabilize os Estados a alcançarem outros objetivos comerciais, econômicos e políticos. (RIBEIRO, 2011).

É destacado a diferença entre “relações culturais” e “diplomacia cultural”. A primeira tem o objetivo, ao longo do tempo, de aproximar os povos e as instituições de uma forma recíproca, já a diplomacia cultural é a utilização dessas relações culturais para a obtenção dos objetivos internos, que englobam objetivos políticos, comerciais e econômicos. (RIBEIRO, 2011)

A diplomacia cultural cada vez mais se mostra importante para os Estados buscarem a transferência de ideias e de povos ao longo das relações. Esse entendimento causado pelo

intercâmbio de culturas faz com que o sentimento de universalidade seja adotado pelos povos, esses sentimentos, que ao longo prazo, se tornam cooperações para futuras políticas. Os grandes resultados que possam ser gerados por uma boa política voltada para os meios culturais não serão alcançados a curto prazo, no entanto, a dificuldade de compreensão nesse sentido dificulta a elaboração de políticas voltadas para a atuação cultural, pois essa não é uma ferramenta que surte efeitos imediatos. (RIBEIRO, 2011)

Se um país é detentor de uma cultura, forte, variada, dinâmica- e dela se orgulha a ponto de difundi-la fora de suas fronteiras- esses países, ao demonstrar sua capacidade no plano cultural, estará igualmente chamando atenção, implicitamente, para suas qualificações em outras áreas de atuação, por mais variadas que sejam. (RIBEIRO,2011, p 39).

Os Estados desenvolvidos já investem em ferramentas para a construção de políticas voltadas para os meios culturais, através do alinhamento das questões culturais com as questões da política externa. Os países desenvolvidos que contam com recursos financeiros adequados para a distribuição e investimento nesta área acabam adquirindo muitos aparatos para a difusão de sua cultura. Essa difusão traz a confiabilidade e o conhecimento deste país e, conseqüentemente, de seus produtos. Esse é um grande exemplo de como a área cultural pode influenciar nas outras áreas de foco da política externa de cada país, como na parte comercial e em suas negociações. (RIBEIRO, 2011)

Os Estados possuem o dever de apoiar as relações culturais internacionais, contudo, os países não exercem esse apoio quando não financiam diretamente essas questões. Esses Estados acabam formulando programas culturais externos para que consigam atingir os resultados oferecidos pelas ferramentas culturais, o problema se dá para os países subdesenvolvidos. Esses Estados dispõem de um orçamento mais limitado para os investimentos nas questões culturais, por acreditarem que existem temas mais sensíveis para serem tratados com uma maior prioridade, fazendo com que não seja possível a formulação de um trabalho mais tradicional de diplomacia cultural. Os Estados desenvolvidos já possuem orçamentos maiores, mas o grande percalço na questão das reformulações culturais são as agendas elaboradas pelos governos. (RIBEIRO,2011).

Além dessas realidades básicas, as relações entre Estados e cultura apresentam uma dimensão adicional de mútua dependência: de um lado, cabe aos governos viabilizar a maior parcela dos custos dos programas culturais. De outro, o Estado depende visceralmente de todo tipo de subsídio cultural para sua sobrevivência (Ribeiro, 2011, p 63).

Mesmo sendo o responsável pelas criações dos projetos culturais, os Estados dependem dos agentes privados, dos artistas e da comunidade intelectual para a elaboração de suas agendas voltadas para os programas culturais. (RIBEIRO, 2011). O grande problema nas reformulações desses projetos nos Estado em desenvolvimento é a falta de orçamento adequado para sua elaboração, os governos desses países não buscam priorizar pautas envolvendo as questões culturais em grande escala, pois não possuem uma expectativa de serem bem-sucedidos no futuro, um país que possui êxito na projeção cultural no exterior busca investir cada vez em uma escala maior, pois já possui projetos neste âmbito com resultados visíveis.

1.3 Cultura e Desenvolvimento

Muitos Estados ainda encontram dificuldade em relacionar a cultura com o desenvolvimento, a princípio, os objetivos traçados para o desenvolvimento não englobavam o setor cultural, que logo passou a fazer parte de discussões envolvendo os setores da economia, da tecnologia e da ciência. Ribeiro (2011) traz em seu artigo as pautas ideológicas sobre o desenvolvimento, que foram concebidas pelos países desenvolvidos, na qual eles destacam fatores como: a necessidade de que as sociedades passem pelos mesmos processos para alcançarem o mesmo patamar, a crença de que todos os parâmetros corretos são os elaborados pelas nações ditas "desenvolvidas" e acrescenta questões econômicas nesse processo.

“A aplicação dessa “ideologia” dos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento constitui, antes de tudo, uma transferência de valores culturais. ” (RIBEIRO,2011, p 98). Essas ideologias submetidas em países em desenvolvimento fazem com que os mesmos comprometam a identidade cultural e sua identidade econômica, pois quando foram determinados os fatores para o desenvolvimento e projetos com esse intuito foram criados, muitas das vezes não atendiam as realidades econômicas vividas por aqueles países, pois não englobavam as particularidades culturais e históricas.

Naquele cenário, os projetos de cooperação técnica transplantados dos laboratórios do primeiro mundo sem maiores atenções para as particularidades culturais de seu ponto de destino- não deixavam qualquer marca na memória dos países beneficiados. (RIBEIRO, 2011, p 99).

Essas ideologias impostas pelos países desenvolvidos fazem com que as nações expostas a esse tipo de convicções sejam privadas de suas características culturais e de suas particularidades tradicionais, fazendo com que determinadas necessidades sejam esquecidas e

pouco elaboradas. Outro empecilho nessa situação são as faltas de trocas culturais entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento, com a dificuldade da expressão cultural desses países, é difícil que ocorra uma troca de valores e de conhecimentos sobre as partes envolvidas, fazendo com que os países desenvolvidos também saiam perdendo nessa conjuntura.

Na situação brasileira é necessário haver um filtro nas influências exercidas pela estrutura transnacional, como uma forma de proteger a identidade cultural nacional dos declínios que seriam causados pelas suas diferenças vitais. Essa influência exercida pela estrutura transnacional, se não for observada e regulada, pode ter efeitos na massa popular de um país em desenvolvimento. (RIBEIRO, 2011)

1.4 A diplomacia cultural brasileira

“Durante muito tempo o Brasil foi considerado um simples receptáculo das políticas culturais europeias e norte-americanas, de acordo com a ideia de que os ventos da cultura não sopram senão de leste para oeste ou de norte a sul.” (DUMONT; FLÉCHET, 2014, p 204). O Brasil foi o Estado latino-americano que mais investiu no âmbito de políticas culturais, as políticas culturais elaboradas pelo governo brasileiro tinham bastante foco nos campos literários, com visitas oficiais de estudiosos no país. O Brasil buscava por meio de políticas de expansão cultural, formas de organizar cooperação entre governos, com o intuito de ter um intercâmbio intelectual.

Os Estados Unidos também foi um parceiro importante para a elaboração das políticas culturais brasileiras, junto com seu intercâmbio cultural em sua política de “Boa vizinhança”, essa colaboração norte-americana foi de grande importância para a ascensão da Bossa-Nova no exterior, pelo momento histórico que o país enfrentava com a guerra fria, os EUA se viu em uma tentativa de firmar suas influências, à vista disso, em uma tentativa de barrar as influências dos ritmos cubanos, os intercâmbios culturais entre os dois países passaram a ganhar força e os artistas norte-americanos passaram a se interessar pelas melodias brasileiras. (BALLERINI, 2017)

O interesse do governo brasileiro em se inserir no contexto mundial usando a cultura começou no período entre guerras, a vontade brasileira era de colaborar com produtos do patrimônio cultural com o intuito de ser conhecido pelo mundo moderno, deixando de lado a

imagem de “selvagens” que era relacionado com o país. O Brasil buscava uma posição mais pragmática, um termo elaborado por Gerson Moura, no qual determinava que o Brasil buscava uma posição mais neutra diante das pressões feitas pelas grandes potências, à vista disso, o governo brasileiro conseguiu investir na cooperação intelectual nos países latino-americanos e nos europeus, e usando disso para ser um grande intermediador entre América-Latina e Europa. Com o interesse pela expansão da diplomacia cultural, o governo teve que estabelecer novos objetivos envolvendo as questões culturais e econômicas. Nas questões econômicas era a busca por novos investimentos nas indústrias, nas exportações e no investimento nas áreas do turismo. (DUMONT; FLECHET, 2014).

O Itamaraty é o grande responsável pelas produções culturais no exterior, essas ações não eram apenas divulgação de produções artísticas brasileiras considerados desconhecidos, essa divulgação era feita por artistas que já possuíam relevância no exterior, com o intuito de reafirmar os interesses econômicos e políticos do país (DUMONT; FLECHET, 2014). O Itamaraty buscou uma posição mais ativa nos investimentos na cultura no governo de JK, algo que antes era feito de forma mais sutil, com o impulso desse governo e suas metas, o MRE passou a adotar formas mais expressivas de determinar sua diplomacia cultural, o que foi decisivo para o desenvolvimento brasileiro mais autônomo.

2. Presidente Bossa-Nova

1.1 Política externa na era JK: cultura como uma forma de desenvolvimento

A política externa do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira visava o desenvolvimento nacional, e usou de ferramentas que não haviam sido usadas antes pelos governos anteriores. O contexto que JK assumiu o país consistia em conflitos sociais intensos, com bastante polarização ideológica e com as metas voltadas para urbanização nacional, na qual enfrentava problemas de logísticas econômicas. Diante do cenário nacional, JK se via na posição de continuar com os planos desenvolvimentistas, que antes haviam sido propostos por Vargas, mas que foram cessados por sua morte. (VIZENTINI, 1996)

Tentando fugir dos erros cometidos por Vargas, JK elaborou novas agendas para suas metas de desenvolvimento, o presidente visava também o modernismo, por isso elaborou seu plano de metas, conhecido pelos “50 anos em 5”, o que foi também uma tentativa de elaborar uma forma de suporte na política interna. O plano de metas do presidente visava o departamento

de consumo na economia, metas de infraestrutura para o setor público, mudanças nas bases de importação do país e também visava mudanças no setor privado. (VIZENTINI, 1996)

O presidente tinha como principal proposta acabar com a imagem de subdesenvolvido que o país possuía no cenário internacional, portanto, sua agenda governamental era pautada nas ideias desenvolvimentistas, que tinham o intuito de formular uma nova visão do Brasil e da América-Latina para o sistema internacional, fazendo com que esses países alcançassem uma maior visibilidade, reconhecimento e importância. JK adotava as políticas de forma pragmática, e visando alcançar o apoio de capital norte-americano, se alinhava bastante com as questões dos EUA para assim alcançar os financiamentos e investimento nos setores públicos e privados. (AGUADO, 2020)

Para alcançar seus objetivos voltados para o desenvolvimento, JK se preocupava bastante na procura por investidores estrangeiros, pois acreditava que a política externa também teria que estar alinhada na busca pelo desenvolvimento nacional, por isso o governo se empenhou bastante nas ações no exterior para atrair a atenção de possíveis investidores. O governo foi obrigado a dirigir suas tentativas de investimentos para países europeus, pois, na sua visão, o principal parceiro do continente, EUA, não ajudaria a América-Latina apenas por “simpatia”, para eles as questões ideológicas, como a segurança e a contenção ao comunismo, eram a única proposta de colaboração. (PENNA FILHO, 2002)

Juscelino investiu bastante em uma política externa, dando mais liberdade para as manifestações artísticas, para a diplomacia e para que a sociedade encontrasse mais visibilidade para sua expressão dentro do cenário internacional. JK também contou com uma proposta de diplomacia presidencial mais ativa, usando sua própria imagem para atrair os olhares estrangeiros para o país. O presidente, com o intuito de chamar atenção do mundo econômico para o Brasil, passou a viajar por diversos países, como Holanda, Bélgica, Inglaterra, Luxemburgo, França, Alemanha, Itália, Vaticano, Espanha e Portugal. O que também contribuiu para os grandes investimentos estrangeiros no Brasil, foi a legislação que facilitava tais ações. (PENNA FILHO, 2002). Essas viagens ganharam bastante repercussão dentro dos países visitados, fazendo com que os investimentos estrangeiros dentro das indústrias brasileiras crescessem significativamente, “essa ativa política de atração de capitais estrangeiros buscava compensar a contínua queda das exportações de 1951 a 1958”(VIZENTINI, 1996, p 326)

Essas viagens promovidas por JK condizem com a estratégia política de diplomacia presidencial adotada pelo mesmo, a qual foi um grande sucesso, o presidente usava bastante de seu carisma e de sua própria imagem para fins políticos. Juscelino foi apelidado por seu carisma

demonstrado ao longo de seu governo, na qual ficou com fama de presidente simpático, risonho e original, assim como é cantado na canção do ritmo da Bossa-Nova na voz do compositor Juca Chaves, que foi intitulada com o mesmo apelido de JK, “Presidente Bossa-Nova”.

Nos posicionamentos dentro do sistema internacional, o Brasil adotou uma postura mais alinhada com as questões do Ocidente, buscava se engajar com as questões apresentadas pela ONU, como se posicionando contra as agitações de libertação elaboradas pelo “Terceiro Mundo”, e isso fica mais evidente quando os diplomatas declaram apoio a defesa contra a expansão soviética e também se declarando anticomunista, com o intuito de alinhar as suas questões com as nações de “Primeiro Mundo”. Nos posicionamentos econômicos, além dos investimentos estrangeiros, Juscelino também investia nas negociações bilaterais de Brasil e EUA, em sua política externa as negociações regionais também passaram a ganhar mais força, às relações com os países da América-Latina ganharam maior ênfase, que tinham como intuito valorizar suas posições no sistema mundial pregando que as economias se tornassem mais complementares. (VIZENTINI, 1996)

Visando o desenvolvimento do continente, o Brasil adotou uma postura mais independente, o país comandou a criação da OPA, Operação Pan-Americana. Esse projeto visava o desenvolvimento e foi proposto para os países da América-Latina que também buscavam certa estabilidade econômica, pois acreditavam ser necessária para tal feito. Após o final do Plano Marshall, as relações com os norte-americanos foram afetadas pela não contribuição do país com os latino-americanos. Como a ideia de que segurança e estabilidade estavam ligados ao desenvolvimento, a OPA foi usada como uma alternativa para cessar as ameaças comunistas vindas das tecnologias fornecidas pela URSS, como forma de propagar suas ideologias dentro dos países latinos. (AGUADO, 2020)

2.2 Operação Pan-Americana

No princípio, as relações do Brasil com os outros países da América-Latina se davam de forma mais sutil, começaram com acordos bilaterais, logo depois essas relações passaram a se intensificar visando um avanço econômico entre as partes. A intensificação desses laços se deu pelo objetivo em comum de atingir maior destaque no cenário internacional, visando um progresso das partes e a cooperação econômica, portanto, a criação da OPA se derivou da fase de industrialização na economia brasileira. O ambiente internacional passou a dificultar esse momento, com as complicações nos termos de troca e a criação de acordos específicos para

países europeus, além dos problemas políticos e econômicos que esses países enfrentavam. (VIZENTINI, 1996)

As metas de desenvolvimento elaboradas pelo governo JK passaram a ser ameaçadas, fazendo com que o país sofresse com inflação, endividamento externos, queda nos números de exportação e aumento do custo de vida. A recessão na economia norte-americana também ajudou para as dificuldades brasileiras, Juscelino tentava conter a crise com discursos justificando o momento como algo necessário, contudo, parte da crise era causado pelas políticas do governo, como o endividamento externo pelos gastos públicos para a construção de Brasília. No cenário interno, para conter as crises, JK adotou a política nacionalista, com uma ideia de controlar a inflação, postergando a solução real do problema. O cenário externo se encontrava com muitos problemas, como os problemas econômicos dos EUA e os acordos feitos exclusivos para países europeus, deixando o Brasil de fora de grandes negociações. (VIZENTINI, 1996)

Com as dificuldades apresentadas nas relações exteriores, o governo passa a adotar uma nova estratégia política, as relações diplomáticas brasileiras são expandidas e a forma de barganha é adotada nas negociações com os EUA. Uma diversificação nos principais parceiros brasileiros também ocorreu, assim passou a negociar também com América Latina, países da Ásia e África. Antes da crise, Juscelino havia adotado uma política mais passiva nas negociações, com alinhamento com os EUA, buscando atrair interesse de financiadores estrangeiros, após a crise as políticas passaram a serem mais ativas, necessitando buscar financiadores e negociar por seus objetivos. O governo passou a mandar diplomatas preparados para buscar solução para seus problemas específicos, sendo mais atuante nas relações internacionais. (VIZENTINI, 1996)

A posição dos EUA com a OPA foi, a princípio, de frieza, ignorando as principais propostas e apenas enfatizando o combate ao comunismo, mas logo depois foi aceito a criação de um banco regional. Juscelino ainda tenta defender a criação da OPA enviando uma carta para o governo norte-americano explicando a importância desse projeto, exaltando a necessidade de se fazer escutar o que o Brasil tem a dizer, por todo o crescimento e as conquistas que o país atingiu. Na carta é destacado o direito de os latino-americanos assumirem suas próprias políticas e destaca também as dificuldades econômicas que os países enfrentam, e assim, causando instabilidade no continente, por isso era necessário combater o subdesenvolvimento dessa região, ele finaliza exaltando que deveria haver uma transformação nas áreas econômicas mais atrasadas. (VIZENTINI, 1996)

A OPA se tornou muito atrativa para os objetivos da América-Latina, pois trazia questões em comum dos países, todos buscavam o desenvolvimento e viram na OPA a oportunidade de alcançar esse objetivo, com isso o Brasil acabou ganhando um papel de destaque no continente pela sua posição de liderança nesse projeto. (PENNA FILHO, 2002)

Juscelino Kubitschek expõe claramente que seu objetivo era dar conotação econômica aos problemas latino-americanos. Assim buscava dar ao pan-americanismo uma concepção moderna, de forma a possibilitar aos países do continente o progresso. (PENNA FILHO, 2002, p 201)

A criação da OPA foi visando o desenvolvimento econômico da região latina, mas apenas esse projeto não seria suficiente para suprimir os problemas brasileiros, por isso uma política mais pragmática foi impulsionada. Assim, na política externa da segunda metade do governo JK, era focado bastante nas relações multilaterais, novos parceiros comerciais foram surgindo, fazendo acordos com países da África e Ásia. A política externa de JK passou a ter um caráter mais independente, fazendo com que o país adquirisse uma posição de maior liderança, a OPA foi de grande importância para atingir esse feito, pois foi a primeira posição independente do governo de Juscelino, “A ideia de uma liderança é preponderante de ordem moral, mas possui implicações altamente vantajosas de caráter econômico- político” (VIZENTINI, 1996, p 341).

A Operação Pan-Americana proposta por JK passa a ter relevância quando o presidente consegue que o secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, reconheça os princípios da OPA. Através desse reconhecimento foi possível a criação do projeto que viria ser o Banco Interamericano de Desenvolvimento, e logo mais a ideia de um mercado regional também foi aceita, a futura ALALC. (VIZENTINI, 1996) A OPA possuía diversos objetivos, que muitos não seguiram no papel, contudo, o governo JK conseguiu com que o presidente dos EUA acolhesse de forma mais abrangente algumas propostas do projeto. Essa Operação serviu como uma forma de Juscelino impulsionar sua política externa independente, onde o Brasil buscou seu protagonismo nas relações internacionais.

2.3. As manifestações artísticas e culturais na era JK

A Política Externa Independente de JK foi elaborada graças às movimentações sociais, culturais e artísticas que estavam sendo elaboradas na época em relação às políticas

desenvolvimentistas, foram por essas movimentações que a sociedade se viu capaz de exibir para o mundo sua cultura. (AGUADO, 2020)

A diplomacia cultural foi bastante importante na política externa daquela época, pois passou a atuar de forma interna e externa, tentando elevar as questões culturais dentro do próprio país, fazendo com que os movimentos culturais se tornassem mais acessíveis para todos. Através da Política Externa Independente, foi possível que essas manifestações se tornassem mais visíveis, pois novos atores ganharam espaço na política de JK e foi nesse novo ambiente moderno que o Brasil encontrou para legitimar seu desenvolvimento. (AGUADO, 2020)

Após a Segunda Guerra Mundial, a realidade econômica brasileira mudou, a produção de bens aumentou e o país passou a viver em um momento mais urbano-industrial, com isso as paisagens do país passaram a ficar mais modernas e o estilo de vida da população mudou, fazendo com que as mídias se expandissem, logo, a grande massa brasileira passou a ter acesso a mais informações, músicas, jornais e filmes. Com essas mudanças, a mentalidade da sociedade mudou, pois passaram a visar uma nova realidade para o país, para que assim fosse possível alcançar a independência do país no setor internacional, causado pelo desenvolvimento e a industrialização nacional. O otimismo que ocorreu pelo grande momento que a sociedade brasileira estava passando, acabou influenciando na relação com a cultura, pois as manifestações artísticas passaram por transformações aspirando a independência diante do cenário mundial e apoiando o desenvolvimento do país. (AGUADO, 2020)

O desejo de se tornar mais autônomo fez com que o Brasil passasse a divulgar mais suas identidades culturais, usando as embaixadas, os museus, teatros e salas de concertos em uma tentativa de exibir as manifestações culturais brasileiras, fazendo com que a sociedade do país se tornasse conhecida. Com a mentalidade voltada para o desenvolvimento, a cultura brasileira foi sofrendo alterações, pois mesmo com as influências do exterior, as ocorrências passaram a ser mais independentes, carregando mais características brasileiras. A Bossa Nova foi uma grande marca desse momento pela busca do desenvolvimento e caracterizado pela modernidade, algo que só foi possível atingir com a mudança estrutural e com a colaboração do Estado. A expressão artística brasileira era o que o país queria mostrar para o mundo. (AGUADO, 2020)

O desenvolvimento foi diretamente relacionado com a cultura no governo de Juscelino, algo que foi reflexo de sua agenda, na qual priorizava questões como economia e política social, assim, as conquistas de JK no âmbito externo se deram pelas grandes propostas de reformulações feitas no setor interno. As manifestações culturais serviram de vitrine para o

mundo, como uma forma de mostrar que o Brasil se encaixava nos parâmetros de modernismo e desenvolvimento, foi uma forma de passar credibilidade para o sistema internacional. Após as mudanças estruturais, o país passou a buscar as mudanças no cenário externo, onde foi desenvolvida a Política Externa Independente, que reformulou a diplomacia brasileira, assim, houve a valorização da diplomacia cultural dentro do setor doméstico. Nessa reformulação, a política interna e externa se alinhava para buscar o desenvolvimento e o setor doméstico passou a ser determinante para o exercício das políticas no sistema internacional. (AGUADO, 2020)

A exportação da cultura brasileira na era JK foi algo determinante para que o governo pudesse alcançar as metas almeçadas, as modificações feitas no setor doméstico foram as responsáveis pela criação dessa imagem mais moderna e desenvolvida do país. As novas tecnologias vindas da industrialização fizeram com que a sociedade ficasse mais próxima de sua própria identidade, algo muito importante nas relações internacionais, pois dessa forma que os Estados encontram de expressarem suas individualidades, participarem do intercâmbio cultural entre os países do globo e mostrarem credibilidade e confiança nas áreas de negociações. No sistema internacional, é crucial que os Estados se façam ser “vistos” para trazerem o sentimento de confiança e também protegerem suas próprias heranças culturais.

Por fim, com o intuito de atingir o desenvolvimento, o Brasil se mostrou disposto a exibir para o setor externo suas características modernas. A cultura serviu de apresentação para demonstrar sua capacidade para o mundo, foi usado de uma diplomacia cultural mais ativa para a realização de ações em prol cultural. A Bossa-Nova foi o maior ato cultural, onde atingiu os maiores feitos, o gênero brasileiro serviu como uma ferramenta estética para mostrar que o país tinha capacidade de produzir arte, não era mais um país que apenas consumia as produções, mas que havia uma grande sociedade intelectual.

3. O Brasil no patamar mais alto da música

3.1 O surgimento da Bossa-Nova

No o momento de “ouro” que o Brasil vivia, onde sua atmosfera era repleta com a sensação do modernismo, onde os ritmos africanos se misturavam com as poesias românticas pela geração carioca, que assim foram responsáveis pela criação do fenômeno da Bossa Nova, o que foi classificado como primeira e última forma internacional de arte brasileira.

O surgimento da Bossa Nova marca um momento importante na história do país, onde o Brasil passava pela transição para se tornar uma democracia, o pequeno passo para o país se tornar uma nação de primeiro mundo. Nesse momento também estava havendo uma grande imersão da arte através dos filmes e das músicas. As músicas do gênero da Bossa-Nova serviram como uma trilha sonora para aquele momento do país, um momento cheio de alegria para o povo brasileiro, que consistia no impulso ao movimento desenvolvimentista brasileiro, que foi liderado pelo presidente da época, Juscelino Kubitschek, e suas metas de desenvolvimento, “50 anos em 5”. No ano de 1958, o Brasil também foi o grande campeão da Copa do Mundo, o que colaborou ainda mais para o momento de felicidade brasileira. Dessa forma, a Bossa-Nova prestou o papel de exibição para o mundo com imagem do nacional-desenvolvimentista.

Tom Jobim foi o grande nome por trás dos sucessos do gênero, o marco se dá em 1958 com sua composição “Chega de Saudade”, na voz de João Gilberto. Os intérpretes das canções passaram a adotar algumas influências do samba brasileiro e do jazz norte-americano, também passaram a adotar um pequeno número de instrumentos em suas composições, como baixo, piano e violão, trazendo uma voz menor. (REGO, 2020) Essas composições ganharam um tom mais baixo, com melodias românticas, o que logo depois passou a ser chamado de “cantando baixo”. (BALLERINI, 2017)

As canções da Bossa-Nova passaram a enfatizar sentimentos mais românticos e alegres, algo que a população passou a relacionar com o momento que era vivido no país, como foi citado anteriormente, o momento de ouro brasileiro, a população se reconhecia nas canções que não abordavam mais sentimentos pessimistas. Algo que também contribuiu para essa era desenvolvimentista brasileira, foram as canções que descreviam as paisagens nacionais, trazendo pontos turísticos e caracterizando o Rio de Janeiro com belos adjetivos, assim, contribuindo para a imagem desenvolvida do Brasil na visão da sociedade internacional, como na canção de Tom Jobim “Corcovado” onde é citado as paisagens marcantes do Rio de Janeiro, a beleza de estar apaixonado e fazer feliz a quem ama. Assim, ele canta:

“Um cantinho e um violão
Este amor, uma canção
Pra fazer feliz a quem se ama
Muita calma pra pensar
E ter tempo pra sonhar
Da janela vê-se o Corcovado
O Redentor, que lindo” (JOBIM, 1960)

O Ministério das Relações Exteriores passou por algumas reformulações, a Divisão de Difusão Cultural passou a ser conduzida pelo Conselheiro Mário Dias Costa, e foi através desse novo comando que novas práticas foram financiadas com o intuito do fortalecimento da política externa brasileira. O Itamaraty passou a financiar e apoiar eventos para a exibição da cultura brasileira nos EUA, nelas foram incluídas a realização da “Semana Brasileira em Nova York”, como também o Festival de Cinema Brasileiro e o financiamento de concertos no Carnegie Hall. As atividades financiadas foram conduzidas pelo então Conselheiro, Mário Dias Costa, incluindo o grande concerto no Carnegie Hall, o qual foi classificado como principal ato para a ascensão da Bossa-Nova nos EUA, (REGO, 2020)

Mesmo com o parecer negativo dos jornalistas brasileiros e estadunidenses sobre as apresentações dos artistas no Carnegie Hall, os músicos resolveram estender suas estadias no país, como uma forma de divulgação de seus trabalhos mais pessoais, assim tendo mais contato com gravadoras e outros artistas estrangeiros, para que dessa forma pudessem buscar parcerias musicais. O Itamaraty ainda buscou ajudar essa expansão musical mais ativamente, com financiamentos e negociando alguns concertos e turnês para esses artistas, (REGO, 2020)

Logo após os grandes artistas brasileiros se apresentarem no Carnegie Hall, em Nova York, os músicos foram recebidos na Casa Branca e passaram a ter uma demanda de shows altíssima. Mesmo em meio às críticas, a Bossa-Nova alcançou um patamar grandioso no meio musical, as músicas ganharam regravações até os dias atuais, fazendo com que o nome de Tom Jobim e João Gilberto se mantenham no topo dos lucros em direitos autorais do Brasil. A Bossa-Nova, que colocou o nome da música popular brasileira nos grandes jornais e revistas, passou a integrar filmes de Hollywood e festas ao redor do mundo. (BALLERINI, 2017)

Com os EUA fazendo esforços para barrar as influências das músicas Cubanas, passaram a criar intercâmbios culturais, assim mais artistas americanos passaram a se interessar pela Bossa-Nova. Para se adaptar ao gosto norte-americano, algumas canções foram passadas para o inglês e tiveram seus ritmos acelerados, mais dançantes. Muitos nomes da música estadunidense passaram a lançar obras com temas do gênero brasileiro, nomes como Quincy Jones, Paul Winter e Elvis Presley, que gravou uma versão de “Bossa-Nova Baby”, para o filme “Fun in Acapulco”(1963). (BALLERINI 2017).

Essa viralização da música brasileira no mundo ganhou mais força com o lançamento do disco “Getz/Gilberto”, em 1964, que ficou 96 semanas em segundo lugar no ranking da Billboard. O ritmo brasileiro ficou tão conhecido mundialmente que, mesmo depois de anos, suas canções ainda são regravadas. DJs europeus nos anos 1990 passaram a regravar os hits

que faziam muito sucesso em baladas. Os EUA foram os maiores consumidores da Bossa-Nova no exterior, até nos dias de hoje o ritmo ganha citações especiais em suas mídias e várias regravações feitas por artistas norte americanos ainda são produzidas. (BALLERINI, 2017).

A Bossa-Nova passou a influenciar nas artes nacionais, junto com o Cinema Novo, a arte brasileira passou a receber mais valor. Essas iniciativas foram importantes para a visão da cultura brasileira no próprio país, tirando o "espírito vira-lata" das percepções brasileiras, como foi identificado por Nelson Rodrigues, esse momento foi importante para deixar a supervalorização do que é do estrangeiro e passar a admirar a arte brasileira, (BALLERINI, 2017).

O momento que a Bossa-Nova atingiu o auge convergiu com as políticas elaboradas no Plano de Metas que o então presidente JK tinha proposto, ou seja, o país passava por um momento desenvolvimentista muito promissor, então ocorreu a junção do "Hard Power" com o "Soft Power" da Bossa-Nova. O presidente JK ainda aproveitou o momento em que o mercado norte-americano se via muito interessado em consumir a música brasileira, e passou a investir nessa promoção da cultura nos EUA, dessa forma, ele se tornou "presidente bossa-nova". O ritmo musical brasileiro até hoje carrega a grande admiração dos estrangeiros, com isso contribuiu para o desenvolvimento de diversas áreas do país, como o turismo, que teve um grande salto com a explosão da Bossa-Nova. (BALLERINI, 2017)

3.2 A Garota de Ipanema marcada na história

A Bossa-Nova passou por uma grande ascensão, o ritmo se tornou muito popular nos EUA e isso contribuiu para que as gravações do gênero se fizessem presentes nas categorias do Grammy Award. Foi no ano de 1965, que o gênero brasileiro atingiu o auge da maior premiação da música. João Gilberto, juntamente com sua então esposa, Astrud Gilberto, e o músico Stan Getz apresentaram a versão da música de "Garota de Ipanema" em inglês, "The Girl from Ipanema", fazendo com que a cantora baiana ganhasse a estatueta de "Gravação do Ano", se tornando a primeira mulher a vencer essa categoria. No mesmo ano, João Gilberto entrou para a história após vencer a categoria mais alta do Grammy, seu álbum "Getz\ Gilberto", que foi uma parceria com o cantor Stan Getz, foi premiado na categoria "Álbum do Ano". Tom Jobim também chegou a concorrer na categoria "Artista Revelação" em 1965, junto com a cantora Astrud Gilberto. Mesmo com dois brasileiros na disputa, a estatueta mais importante da música ficou com a banda britânica, The Beatles.

O maior sucesso do gênero da Bossa-Nova segue sendo até os dias atuais a famosa “Garota de Ipanema”, de acordo com o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), a canção é a produção brasileira mais regravada de todos os tempos, tendo nomes como Tim Maia, Caetano Veloso, Elis Regina e muitos outros. A canção se tornou um símbolo brasileiro, no exterior a garota de Ipanema é a representação do Brasil, de sua cultura, de seu povo e de suas paisagens. Artistas de fora também fazem suas regravações da canção como forma de homenagem ao país, como a banda norte-americana, Maroon 5, que em sua apresentação ao Rock in Rio em 2017, apresentou sua versão da música cantada em português pelo vocalista Adam Levine.

A canção se transformou na apresentação da população brasileira para o mundo a fora. No ano de 2016, ano que o Brasil sediou as Olimpíadas, em sua festa de abertura a modelo brasileira Gisele Bündchen atravessou o Maracanã ao som de Garota de Ipanema, enquanto Daniel Jobim interpretava a música ao piano com o plano de fundo projetando uma grande imagem de seu avô, Tom Jobim. Mesmo anos após o lançamento da canção, essa música se faz presente na história dos brasileiros, se tornando um símbolo para o país, além de carregar um grande significado para o povo brasileiro, essas canções foram importantes para as políticas do governo. Esse ritmo foi de grande relevância para o Brasil demonstrar sua identidade nacional e estabelecer sua importância diante do globo.

3.3 A influência da cultura no desenvolvimento

Ao longo da seção, vimos a importância da participação cultural para o desenvolvimento dos Estados, no Brasil de JK, essas manifestações carregaram um papel importante nessa caminhada, pois apenas o setor econômico não conseguiria atingir a autonomia tão desejada. O Brasil buscava uma maneira de se tornar “conhecido”, o país queria passar a imagem de que seu setor interno estava pronto para o desenvolvimento, onde sua sociedade estava apta para o modernismo, à vista disso, o papel da diplomacia cultural ocupou um espaço crucial nessa caminhada ao desenvolvimento. A sociedade passou a exaltar suas características nacionais, protegendo suas identidades e fazendo questão de manter as raízes brasileiras, mesmo com as grandes influências vindas do estrangeiro.

Essa posição que o país foi submetido desde sua colonização se encontra enraizada na história do Estado, com o surgimento das novas tecnologias, as principais potenciais passam a expandir ainda mais seus costumes para o mundo, essas influências foram determinantes nos

Estados subdesenvolvidos, principalmente na industrialização, onde eles são obrigados a seguirem as técnicas elaboradas pelos europeus, como uma forma de sobreviver ao imperialismo exercido pelos mesmos, os países acabam adotando essas medidas, mas o risco que enfrentam com essas ações é a perda de sua identidade cultural e características regionais. (CORBISIER, 1958)

Possuir essa autonomia no cenário internacional é de grande importância na atualidade, o Brasil, desde sua colonização, passou a ser apenas um coadjuvante nas questões relevantes mundiais, suas principais características eram negligenciadas. Os aparelhos de produção, suas estruturas e suas instituições políticas não eram reformulados com as características e necessidade do Estado, mas eram feitos conforme demandava o setor externo, as empresas extrativistas e o capitalismo europeu. Assim, o Brasil focou nas demandas dos grandes países e manteve a estrutura colonial, a qual ele foi submetido desde sua invasão, conseqüentemente, o país se viu afastado de suas próprias questões, necessidades, e até de sua identidade. (CORBISIER, 1958)

Para os países subdesenvolvidos que buscavam alcançar a independência política, era necessário trabalhar nos setores da economia e da cultura, pois esses fatores foram determinantes para conseguir tal feito, mas ao conseguir uma independência econômica, não quer dizer que esse Estado também possuísse uma independência cultural. A estrutura a que os países de colonização tardia foram submetidos não afeta unicamente o setor da economia, mas também nas agendas ideológicas e nas culturais, e mesmo com países independentes economicamente, o setor cultural pode ser negligenciado. (CORBISIER, 1958) “Assim como, no plano econômico, a colônia exporta matéria-prima e importa produtos acabados, assim também, no plano cultural a colônia é matéria etnográfica que vive da importação do produto cultural fabricado no exterior” (CORBISIER, 1958, p 64)

A dependência das indústrias transnacionais e de suas tecnologias exercem uma grande ameaça para as massas populares, pois ao permitir um acesso completo dessas influências em sua sociedade, a identidade nacional acaba sendo prejudicada por negligenciar suas principais características, para atender a demanda dos Estados desenvolvidos. (RIBEIRO, 2011)

Na conjuntura dessa nova integração mundial, ficou cada vez mais importante priorizar as questões da economia e da cultura, esses dois fatores podem se complementar como ferramenta do desenvolvimento. Como foi citado anteriormente, um não necessita do outro para existir, mas eles podem se complementar, como a questão cultural com suas ideias formadas, fazendo com que ocorram mudanças nos sistemas e modo de produção. Já nas

questões econômicas, fazendo com que os problemas causados por esse setor, façam com que a mentalidade seja mudada para solucionar tais questões. (CORBISIER, 1958)

A reformulação das ideias de um país colabora com o desenvolvimento do mesmo, pois implica uma nova autoconsciência, uma transformação nas ideias, mas essas mudanças só são possíveis com esse autoconhecimento, fazendo com que as ideias e as ações se completem. Com essa transição de pensamentos voltados para a realidade nacional, foi possível elaborar questões e interpretações próprias, de acordo com a realidade local, criando uma consciência da realidade da nação e quais são seus objetivos. (CORBISIER, 1958) “Não haverá desenvolvimento sem a formulação prévia de uma ideologia do desenvolvimento nacional.” (CORBISIER, 1958, p 75)

Quando tratamos de desenvolvimento, este termo é muito atrelado a meios econômicos e acabam negligenciando os meios culturais, como Aloísio Magalhães destacava, que para ser uma nação forte e rica, eram necessários os investimentos e a continuidade daqueles elementos próprios e característicos de seu perfil, nisso que consiste o verdadeiro desenvolvimento de uma nação. Por isso as políticas culturais foram de grande importância para a fase desenvolvimentista brasileira, pois dessa forma o Estado pode elaborar programas que as influências estejam atreladas aos princípios culturais do país. (RIBEIRO, 2011)

A diplomacia cultural na nova era brasileira foi elaborada com a mentalidade do produtor de intelecto, financiando projetos culturais no exterior e investindo em seus artistas. Através da grande ascensão da Bossa-Nova, o Brasil passou a ser um produtor de arte, mostrando ser capaz de produzir de forma autônoma, onde pode ser produzido o produto final, que teria qualidade para competir com o produto das outras nações, o que acabou rompendo com a visão que se tinha dos países subdesenvolvidos. (REGO, 2020)

Por fim, foi através da cultura que o Brasil foi capaz de alcançar o patamar de produções de países desenvolvidos, O Brasil passou a ser visto e escutado, o país ganhou relevância no plano artístico-intelectual, o que foi de grande importância para seu desenvolvimento econômico.

Considerações Finais

O papel da cultura no desenvolvimento estatal é muitas vezes desconsiderado nas pautas políticas, os Estados em desenvolvimento preferem usar seus recursos em outros setores de suas agendas, deixando muitas vezes suas identidades negligenciadas diante de suas prioridades. Como foi destacado na primeira seção, uma cultura forte e impactante pode ser

uma forma de ser detentor de poder no sistema internacional, pois através dela é possível influenciar e trazer o sentimento de familiaridade para suas características.

Como foi tratado ao longo das seções, implantar esse sentimento nas relações internacionais é de grande importância, pois traz confiabilidade para seus parceiros, legitima suas ações diante do mundo e exibe sua cultura para o estrangeiro, facilitando o alcance de mais acordos comerciais. A execução da diplomacia cultural foi relacionada como uma forma de fazer Soft Power, os países usam dessa ferramenta para elaboração de políticas para o patrocínio de ações voltadas para sua cultura, que buscam a realização dos seus objetivos e necessidades nacionais.

O Brasil, ao longo da sua história, executou uma política passiva muito alinhada com as questões norte-americanas, muitas vezes negligenciando suas reais necessidades nacionais. Contudo, foi tratado ao longo das seções a mudança dessas políticas nacionais elaboradas pelos governantes brasileiros. O presidente Juscelino Kubitschek foi o primeiro governante brasileiro que, de fato, adotou medidas visando o desenvolvimento nacional, por isso elaborou medidas políticas usando de ferramentas econômicas e culturais, conciliando as duas vertentes.

Quando JK investiu em uma política externa independente, foi possível perceber suas movimentações mais ativas diante do sistema internacional, visando passar a imagem moderna do país para seus possíveis investidores, e foi através das manifestações culturais que o presidente buscou atingir esse objetivo. Esse objetivo foi possível ser atingido com a colaboração da música, através das melodias criadas pelo ritmo da Bossa-Nova, que passaram a fazer um grande sucesso com o público estadunidense.

O governo então investiu nos artistas do gênero, com apresentações e grandes turnês pelos EUA, fazendo com que as canções ganhassem o carinho do público, assim, a identidade brasileira passou a ser reconhecida e projetada pelo mundo, passando o Brasil como um produtor intelectual, não mais como apenas consumidor, onde o país também passou a ter capacidade de competir com produções estrangeiras de Estados desenvolvidos.

A cultura se tornou um fator importante para o desenvolvimento nacional, quando o país passa a exaltar sua própria identidade, ideias estrangeiras passam a não influenciar de forma tão determinante em seu território. Com essa mudança de postura, os Estados passam a reformular suas próprias políticas condizentes com as necessidades nacionais, promovendo mudanças estruturais em seus sistemas, algo que colabora para essa posição desenvolvimentista.

Na atualidade, é possível observar muitos Estados usando de ferramentas como a diplomacia cultural como forma de execução de poder. O grande marco brasileiro no âmbito

da projeção cultural segue sendo as músicas da Bossa-Nova, contudo, é possível observar o ritmo do Funk ganhando espaço na música mundialmente, assim como toda a música latina. A cantora Anitta é o grande destaque no meio da música brasileira, pois assim como Astrud Gilberto, a cantora carioca chegou a concorrer ao Grammy Award na categoria de “Artista Revelação”, no ano de 2023. Mas para que esses movimentos tenham de fato alguma relevância no âmbito do desenvolvimento, seria necessário que as políticas de diplomacia cultural brasileira usufruam dessa projeção, introduzindo investimentos nesses setores de maneira que possam gerar benefícios políticos.

Referências

AGUADO, Thayná Venâncio. **Governo JK (1956-1961): o papel da esfera artística para a promoção internacional do Brasil**. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018

AIEX, Tony. Em 1955, João Gilberto fazia história ao ganhar o Grammy de “Álbum do Ano”. **Tenho mais discos que amigos**, 2019. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/07/06/joao-gilberto-getz-grammy/> Acesso em: 15 maio 2023

BALLERINI, Frantjesco. **Poder Suave (Soft Power)**. v. 1. São Paulo: Summus Editorial. Abril de 2017.

BRUNATO, Ingrid. Astrud Gilberto, a brasileira que chamou atenção do Grammy antes de Anitta. **Aventuras na História/UOL**, 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/astrud-gilberto-brasileira-que-chamou-atencao-do-grammy-antes-de-anitta.phtml> Acesso em: 15 maio 2023

CORBISIER, Roland. **Formação e Problema da Cultura Brasileira**. Textos de Filosofia Brasileira. 3 ed . Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros. 1960

DUMONT, Juliette. FLÉTCHET, Anais. “Pelo o que é nosso!” A diplomacia cultural brasileira no século XX: Brazilian Cultural Diplomacy in the Twentieth Century. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v. 34, n 67, p 203-221, 2014.

FERRARI, Wallacy. Garota de Ipanema: A música que fez os brasileiros conquistarem o Grammy. **UOL**, 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/garota-de-ipanema-quando-os-brasileiros-desbancaram-os-beatles-e-conquistaram-o-grammy.phtml> Acesso em: 15 maio 2023

“GAROTA de Ipanema” é a canção mais gravada no Brasil em todos os tempos. **Correio do Povo**, 2023. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/garota-de-ipanema-%C3%A9-a-m%C3%BAica-mais-gravada-no-brasil-em-todos-os-tempos-1.977353> . Acesso em: 15 maio 2023

JOBIM, Tom. **Corcovado**. Rio de Janeiro: Magenta: 1960. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49031/> Acesso em: 15 maio 2023

NYE, Joseph. **Soft Power: The means to success in World Politics**. Nova York: Public Affairs, 2004.

PENNA FILHO, Pio. Cena Internacional. **Revista de Análise em Política Internacional**. Brasília. v. 4, n 1, p 189-206, Julho de 2002.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia Cultural**. seu papel na política externa brasileira.. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

REGO, Daniel Cunha. O papel da Bossa-Nova na Política Externa brasileira (1958-1964), expressão do "país futuro".Santa Catarina: **Revista Textos Graduados**. n. 1 v 6. Janeiro de 2020.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Bossa Nova. **Mundo Educação/UOL** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/bossa-nova.htm> Acesso em: 15 maio 2023

THE GIRL From Ipanema: Bossa Nova and the beach. BBC documentary ,2016. Direção: Kelly Lynch. Youtube. 2016. 58:33. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=UCGHjn8cqJg> Acesso em: 29 set 2022

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Sessenta anos de Política Externa Brasileira: A Política Externa do Governo JK**. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora, v. 1, n. 2. 1996.